

ver!ssimas

Frases, reflexões e sacadas sobre quase tudo

LUIS FERNANDO VERISSIMO

Organização
Marcelo Dunlop
Seleção de ilustrações
Fernanda Verissimo e Fraga



Copyright © 2016 by Luis Fernando Verissimo

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Alceu Chiesorin Nunes, com escultura de Ricardo Leite e ilustração do autor

Preparação

Eduardo Rosal

Revisão

Carmen T. S. Costa

Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Verissimo: Luis Fernando, 1936-

Verlssimas frases, reflexões e sacadas sobre quase tudo / Luis Fernando Verissimo ; organização Marcelo Dunlop ; seleção de ilustrações Fernanda Verissimo e Fraga. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Editora Objetiva, 2016.

ISBN 978-85-470-0019-6

1. Contos brasileiros 2. Frases 3. Literatura brasileira – Coletâneas 4. Pensamentos – Aforismos – Máximas I. Dunlop, Marcelo. II. Verissimo, Fernanda. III. Fraga. IV. Título.

16-06367

CDD-808.882

Índice para catálogo sistemático:

1. Frases : Coletâneas : Literatura

808.882

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 – Sala 3001

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 2199-7824

Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br



Do “Abacaxi” ao “Zodíaco”

Considerando que Luis Fernando Verissimo é pai do Analista de Bagé e avô do Analista de Viena — *A mãe do Freud*, afinal, é um dos seus rebentos literários —, era de se esperar que o modesto torcedor do Internacional fosse um dos maiores conhecedores da alma humana e que este compêndio de frases, pensamentos e desenhos que o afortunado leitor tem agora em mãos seja uma obra da mesma magnitude da Bíblia, de *A interpretação dos sonhos* ou, por último, mas não menos importante, de *Das Psychoanalytiker von Bagé und andere geschichten* (*O analista de Bagé e outras crônicas*).

Acha que exagero? De fato, colocar as sagradas escrituras, os insights do Sigmund e os joelhaços literários do douto bageense no mesmo nível das sacadas do Verissimo talvez seja forçação de barra. Sobre o autor da Bíblia, Verissimo tem a vantagem de não ser brasileiro (é gaúcho), o que o leva a encarar a realidade sem as vicissitudes do olhar nacional. Sobre o autor de *A interpretação dos sonhos*, Verissimo tem a vantagem de um século, o que lhe permite não só ver o mundo em cores (até 1960, como se sabe, o mundo era

em preto e branco) como conhecer, entre outros fatos, o resultado de todos os Grenais ocorridos desde a morte do doutor, em 1939. E sobre os escritos do Analista de Bagé, bom, são de autoria do próprio Veríssimo, o que faz com que a disputa entre os dois (ele e ele mesmo) termine, sem dúvida, num vitorioso empate.

Do “Abacaxi” ao “Zodíaco”, da “Baleia” ao “Xixi”, do “Cinismo” ao “Wassabi”, *Ver!ssimas* é um inventário tão vasto do que há entre o céu e a terra que se um dia você estiver, sei lá, refogando uns legumes na cozinha, um óvni pousar no seu quintal e um ET te pedir uma obra de referência sobre os terráqueos, não titubeie; entregue este livro na mão dele e continue a refogar legumes com a certeza de que os extraterrestres levarão consigo um retrato amplo, geral e irrestrito de nossa tragicômica humanidade.

Lá em Marte (ou num Ibis, caso queiram nos estudar por aqui mesmo), os ETs poderão aprender sobre nossos hábitos alimentares: “O único humanista autêntico é o canibal. Seu amor pela humanidade é o mesmo amor que temos por um bife, e é sincero”. Nossa anatomia: “O cérebro humano é uma coisa tão complexa que nem o cérebro humano é complexo o bastante para entendê-lo”. Nossas tragédias: “O Brasil é governado por minoria esmagadora”. Nossas maravilhas: “Fizemos muita bobagem, é verdade — guerras, filhos demais, sacanagem com os outros, carros com rabo de peixe, Brasília —, mas também fizemos coisas admiráveis, como a catedral de Chartres e a Patricia Pillar”.

Não estou certo se, depois de ler *Ver!ssimas*, nosso visitante pen-

saria em voltar outra vez à Terra (ou, caso esteja no Ibis, em descer para o café da manhã), pois o verdadeiro humorista não é um mico de auditório, é alguém sempre a botar o dedo nas feridas. Como, por exemplo, nos paradoxos da existência: “Não há onde estacionar um carro em Copacabana, por isso estaciona-se em toda parte e nunca falta lugar”. Na nossa finitude: “Vida não interessa: haverá comida e bebida depois da morte?”. Até mesmo em tabus sobre os quais seria impossível falar sem a anestesia do riso: “Quando os zagueiros David Luiz e Dante finalmente se conheceram, se apertaram as mãos (‘muito prazer’, ‘muito prazer’, ‘precisamos nos encontrar!’), já estava 5 a 0 para a Alemanha”.

É, de fato, acho que antes de chegar na letra Z o ET iria se pirulitar daqui. O risco, me ocorre agora, seria ele dar uma passada rápida no Rio de Janeiro, outra em Porto Alegre e levar para seu planeta dois de nossos melhores espécimes: a Patricia Pillar e o Luis Fernando Verissimo. Pensando melhor, se um óvni pousar no seu quintal, entregue a Enciclopédia Britânica, um LP do Sgt. Pepper’s, um Almanacão de férias da Turma da Mônica e volte aos seus legumes com a paz de quem fez uma bela ação por nossa sofrida humanidade.

P.S.: Legumes: “Eu acho que na cama vale tudo, menos legumes. Já perdi a namorada porque disse que o meu limite era o pepino”.

Antonio Prata



Veríssimo em miúdos

Sou um dos dezessete leitores do LFV, segundo suas contas que não fecham bem, e acho que posso provar. Eu lembro da primeira tirada “veríssima” que me fispou, lida numa revista em 1989. Falava de morte, reencarnação, e do medo que ele tinha de voltar a este mundo como formiga e ser pisoteado por um parente distraído. Não sei se aprendi ali que ia morrer um dia, mas foi certamente a primeira vez que pensei na morte e caí na gargalhada. Tinha dez anos, e não se faz uma piada dessas impunemente com uma criança.

Recortei aquela crônica, que ainda por cima era ilustrada por ele mesmo, e passei a guardar várias numa pasta azul de plástico para reler depois, isso quando não as colava no armário com fita gomada.

Outro dia, à toa, abri o jornal e li que o autor de *As mentiras que as mulheres contam* estava com setenta e nove anos. Me peguei imaginando que coletânea a editora prepararia no ano seguinte, por conta de seu octogésimo aniversário. Ficção, crônicas políticas, poesia, quadrinhos, comédias, contos... Tudo já fora servido e degustado, em fartos banquetes literários conforme a especialidade

do chef gaúcho, sempre com bom tempero e nenhum destempero. Não estaria na hora de servir Verissimo em miúdos?

Tomei coragem — que é a cara de pau com educação — e enviei a sugestão aos editores. A ideia inicial, inspirada nos clássicos livros de citações de Ruy Castro, foi tão prontamente aceita que desconfio que ela não foi bem minha, já estava voando por aí e eu apenas engaiolei e mandei por e-mail. Três trocas de mensagens depois, eu já tocava o projeto, não sem antes me desabalar para a casa dos meus pais em busca da pasta perdida, que estava intacta.

Este livro é, portanto, uma obra raríssima. Trata-se, salvo engano, da primeira vez que um homem ocidental guardou recortes para ler depois e efetivamente o fez. E ainda conseguiu publicá-los.

As cerca de oitocentas frases aqui reunidas, claro, não vieram somente do meu arquivinho empoeirado, mas também da releitura ruidosa, por vezes convulsiva, de mais de setenta livros publicados pelo escritor gaúcho ou dos quais ele participou. Muitas vieram da pesquisa em portais de jornais e revistas, bem como de crônicas bem guardadas na Biblioteca Nacional. Algumas pérolas vieram de declarações dadas por Verissimo que, mesmo preferindo tomar injeção a dar entrevista, acertou na veia em várias dessas conversas com repórteres.

Um dos principais objetivos desta antologia foi apurar se aquelas tantas frases espalhadas pela internet eram de fato dele. O escritor gaúcho acha algumas engraçadas, mas garante que não são dele, e topa o teste de paternidade para provar. As legítimas, assim, estão

nas páginas a seguir, num rodízio de miúdos, ou verbetes, em que o leitor tem a escolha de avançar ou voltar atrás nas definições listadas por ordem alfabética, seguindo a bússola dos “conformes” (Cf.), outro símbolo clássico dos dicionários que inspiraram o projeto deste livro. No fim, trata-se de um bufê do mais fino humor, pronto para ser degustado por todos vocês, os outros quinze leitores (sim, o Antonio Prata aqui garante ser o décimo sexto, vá discutir).

Li que um livro que não fornece citações não é exatamente um livro — é um brinquedo. Certamente um exagero do velho T. L. Peacock, mas que reforça como Luis Fernando Verissimo não brinca em serviço: de todos os livros seus que escarafunchei, havia sempre uma boa frase por catar. Torço para que o leitor, quer encare esta obra como livro ou brinquedo, se divirta como eu me diverti.

Agradeço a confiança do professor LFV e os toques de uma equipe de primeiríssima, formada por Lucia, Laura e João Paulo Riff, Simone Ruiz, Marcelo Ferroni e Fernanda Verissimo, craque da família que jogou avançada nos preciosos arquivos no Rio Grande do Sul, selecionando as magistrais ilustrações deste livro. Jamais vou esquecer os sábios conselhos do Fraga, parceiro e conterrâneo do mestre Verissimo, o pontapé inicial de Carlos Fialho e o apoio essencial da Flávia, minha primeira revisora, sempre. Um abraço aos meus familiares.

Marcelo Dunlop